

em toda a Europa. Foi uma audição recente destas obras que me animou a escrever esta nota, recordando uma das jóias da música do século XVIII. Odilon Nogueira de Matos ("Correio Popular", Campinas, 19-10-1983).

* *

23. A LENDA DE JOSÉ

A **Lenda de José – Josephslegende** – de Richard Strauss, nasceu de uma sugestão do conde Harry Kessler, amigo e protetor de Hofmannsthal, ao ver os bailados russos trazidos a Paris por Diaghilev. Kessler via em Nijinski o intérprete ideal para um bailado de Strauss-Hofmannsthal. O bailado nasceu de fato em uma ceia no Restaurante Larue, rue Royale, onde se encontraram, em 1912, Kessler, Strauss, Hofmannsthal, Diaghilev e Nijinski. Conversaram até as três da madrugada e, em meio a sugestões cruzadas, Diaghilev lançou a idéia de um tema bíblico, tratado ao jeito das telas de Paolo Veronese, um dos pintores prediletos do russo, que era profundo conhecedor das artes plásticas. Fixou-se afinal a escolha na aventura de José com a mulher de Putifar e no dia seguinte (ou melhor, no mesmo dia) Strauss recebia o esboço da trama do ballet das mãos do poeta. Decidiram que o ballet não seria uma reconstituição histórica do Egito dos faraós mas uma fantasia livre, em que o tema seria visto com olhos modernos (leia-se **art nouveau**, pois estamos em 1912), justamente como Veronese via o cenário bíblico com os olhos do tardo Renascimento italiano.

Finalmente, no dia 14 de maio de 1914, com o próprio Strauss dirigindo a orquestra, estreou o ballet com coreografia de Fokine, o jovem Massine fazendo o papel de José. Depois de um certo esquecimento, o ballet foi retomado por Heinrich Kroeller, em 1921, com uma coreografia que não era senão a réplica da coreografia original de Fokine, com algum expressionismo no cenário, nos gestos e nas roupas. Mais duas coreografias (1952 e 1958, em Viena e Munique) e afinal a versão atual de John Neumeier, ao mesmo tempo requintada e despojada: os figurinos de José e do Anjo foram simplificados ao máximo, reduzindo-se a um simples sublinhar do corpo nu; José traz uma curta túnica, que logo será arrebatada pela mulher de Putifar. O orientalismo original de Paris, estilo Ida Rubinstein, ou a enorme gola elisabetana e a saia de refolhos de Viena foram substituídas por uma simples clâmide, na sedutora mulher do vizir. Tudo isto contrastando com figurinos e cenários de um Egito quase barroco, cenários e figurinos que muito bem serviriam para as comédias orientalizantes de Molière, no século XVIII, quando os turcos estavam na ordem do dia.

(De um artigo de Miranda Neto, no **Correio do Povo**, Porto Alegre, 28-8-1983.)

* * *